

O SIMBÓLICO EM *A BOTIJA* DE CLOTILDE TAVARES: DO SONHO AO (TES)OURO ESCONDIDO

THE SYMBOLIC IN THE CLOTILDE TAVARES *BOTTLE*: FROM DREAM TO HIDDEN TREASURE

Laécio Fernandes de Oliveira (UEPB)¹
Linduarte Pereira Rodrigues (UEPB)²

Resumo: O imaginário simbólico em torno das histórias sobre tesouros escondidos e dos sonhos, no âmbito da cultura popular, revela que o ganhador do tesouro deve seguir as pistas, conforme a revelação onírica, para encontrá-lo. A partir do século XX, com os estudos freudianos sobre sonhos, cresceu o interesse sobre o tema no meio acadêmico. A perspectiva junguiana defende que os sonhos trazem revelações para o sonhador sobre seu processo evolutivo de modo que o mundo onírico deve ser lido a partir do contexto de vida do sonhador. Nesse sentido, o artigo, *a priori*, reflete sobre o simbolismo em torno da botija e do sonho como elementos da cultura popular; e, a partir da obra *A botija*, de Clotilde Tavares, faz um recorte da narrativa da personagem Pedro Firmo e oferece uma hermenêutica do sonho desta personagem. A partir deste recorte, expõe-se a habilidade da escritora em tecer, em sua narrativa, as histórias de Eulália e seu pai feiticeiro, e o romance *do pavão misterioso*. O interesse pelo recorte realizado ocorre pelo simbolismo que envolve elementos fantásticos/mitológicos da cultura popular, como a botija e o sonho, além do mito de origem, símbolos e arquétipos, enquanto elementos sincrônicos que estruturam o sonho da personagem. No rol dos estudos semiótico-antropológicos, o artigo baseia-se na Psicologia Analítica para uma hermenêutica do texto de cultura popular e destaca um sistema simbólico que estrutura o sonho da referida personagem, evidenciando uma relação coerente entre o mundo fantástico/onírico e o mundo sensível, expondo o texto literário, de Clotilde Tavares, como campo ao experimento humano, cujo potencial possibilita ampliar a visão do leitor sobre os mundos sensível/inteligível e suas relações.

Palavras-chave: A botija. Clotilde Tavares. Cultura popular. Psicologia Analítica.

Abstract: The symbolic imaginary, around the stories about hidden treasures and dreams, within the scope of popular culture, reveals that the treasure winner must follow the clues, according to dream like revelation, to find it. From the 20th century, with Freudian studies on dreams, interest in the subject grew in academia. The Jungian perspective argues that dreams bring revelations to the dreamer about his evolutionary process, so that the dream world must be read from the context of the dreamer's life. In this sense, the article, *a priori*, reflects on the symbolism around *the bottle* and the dream as elements of popular culture; and, from Clotilde Tavares's *The bottle*, it makes a cut out of the narrative of the character Pedro Firmo and offers a hermeneutic of the dream of this character. From this clipping, the writer's ability to weave, in her narrative, the stories of Eulália and her sorcerer father and *the romance of the mysterious peacock* is exposed. The interest in the cut out

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB); Me. pelo Programa Profissional em Formação de Professores (PPGFP-UEPB); Especialista em educação para relações étnico-raciais (UFCCG); Professor da Rede Estadual de Educação do Estado da Paraíba; Membro do grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB); e bolsista CAPES-CNPq. E-mail: lfoliveira.36@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7684-1875>.

² Dr. em Linguística (UEPB); Professor do curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) -(UEPB); e dos Programas de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP-UEPB) e Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB); Líder do grupo de pesquisas Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: linduartepr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9748-179X>.

occurs due to the symbolism that involves fantastic/mythological elements of popular culture, such as the bottle and the dream, in addition to the myth of origin, symbols and archetypes, as synchronous elements that structure the dream of the character. In the list of semiotic-anthropological studies, the article is based on Analytical Psychology for a hermeneutics of the popular culture text and highlights a symbolic system that structures the dream of the aforementioned character, highlighting a coherent relationship between the fantastic/dream world and the world sensitive, exposing the literary text, by Clotilde Tavares, as a field for human experiment, whose potential makes it possible to expand the reader's vision of the sensitive/intelligible worlds and their relationships.

Keywords: The bottle. Clotilde Tavares. Popular culture. Analytical Psychology.

Introdução

O sábio não é o homem que fornece as verdadeiras respostas, é quem faz as verdadeiras perguntas (Lévi-Strauss, 2004).

No imaginário simbólico, no âmbito da cultura popular, que reúne as histórias sobre tesouros escondidos/encantados e sobre os sonhos, encontra-se quase sempre a figura do velho sábio contador de histórias, uma figura que encanta pela forma de narrar e pelos conhecimentos fantásticos que mobiliza para prender a atenção do seu ouvinte. Logo, a sabedoria como meio de exercer domínio sobre o outro, através da arte da palavra, sempre esteve no altar dos objetivos dos grandes homens da humanidade. Na perspectiva strausseana, ser sábio está para além de uma comprovação empirista que ganhou relevância no período iluminista, aproximando-se de uma prática sociocultural desenvolvida pelas sociedades “primitivas”, que compreendiam a figura do sábio como aquele que observa o mundo a sua volta com olhar contemplativo em busca de sua compreensão. Por isto, o sábio seria aquele detentor de um conjunto de conhecimentos sobre o mundo sensível e o mundo inteligível, que o tornava capaz de saber formular as melhores perguntas. A este modo, o antropólogo Clastres (2014) afirma que a condição para ser considerado sábio, nas primeiras sociedades indígenas, era ser o detentor da palavra e, portanto, do verdadeiro poder: falar para coletividade e representá-la.

Todo conhecimento cultural e religioso perpassados pelo misticismo e crenças de um povo, somados ao conhecimento enciclopédico e sua aplicação em sociedade, compõem o campo da sabedoria e atravessam a figura do sábio contador de histórias inseridas na cultura da oralidade, que narra as histórias de trancoso, o cotidiano, o ficcional dos folhetos de cordel, dos objetos e animais mágicos, bruxas, fadas e dos tesouros encantados – as botijas – reincidentes em diversas tradições. Dentre elas, Cipriano (2010) cita os tesouros deixados pelos holandeses, no período colonial, em passagem pelo Nordeste pernambucano, e as fortunas ocultadas pelos senhores de engenho.

A dimensão fantástica desses objetos, no âmbito do imaginário popular, tanto reflete como impulsiona as práticas socioculturais e artísticas, tidas como folcloristas no âmbito de um regionalismo pitoresco (Cândido, 1987). Em dado momento de transição do século XIX para as décadas iniciais do século XX, tais práticas foram relacionadas a uma visão de atraso da Região Nordeste devido sua associação à cultura, em declínio, dos engenhos de cana-de-açúcar mediante a comparação com a Região Sudeste, especificamente, com a cidade de São Paulo, que já vivenciava o primeiro movimento de industrialização.

As temáticas dos sonhos e do tesouro escondido são comumente situadas no bojo da cultura popular, porém, no tocante aos sonhos, eles acompanham o homem desde seu princípio e parecem resistir a quaisquer tentativas de delimitações num tempo e/ou espaço, uma vez que possuem características que os projetam, também, nas interfaces da Literatura

Moderna/Contemporânea, essencialmente, quando consideramos a afirmação de Novaes (2001) que, há muito tempo, os sonhos foram associados ao feminino, ao prazer, ao mistério, ao transcendente, entretanto, atualmente, faz parte do saber comum que todos sonhamos. Assim, podemos afirmar que a temática dos sonhos transcende o tempo e conduz o mundo primitivo à humanidade e às ciências atuais.

Sob este panorama, situamos a obra – *A botija* – da escritora Clotilde Tavares, paraibana natural de Campina Grande-PB que, desde 1970, passou a residir na cidade de Natal-RN, onde cursou medicina. As letras e as Artes sempre foram um caminho paralelo na vida da autora até assumirem o protagonismo, conduzindo-a às mais variadas atividades profissionais: dramaturgia, professora universitária, cronista, pesquisadora, blogueira e escritora com vários livros publicados (Tavares, 2009). *A botija* é uma das suas obras mais conhecidas, nela, a escritora recorre às suas memórias de infância, cujas histórias populares tradicionais, ouvidas nas vozes do seu pai, sua mãe Cleuza e de Severina de João Congo (trabalhadora da casa e amiga de sua mãe), para narrar a história da personagem Pedro Firmo, cruzando textos e tecendo temas fantásticos/mágicos como tesouros encantados e sonhos.

Nesse percurso, Tavares (2009) associa-se à figura do “velho sábio”, como uma contadora de histórias que recorre à tradição da palavra oral para aguçar o imaginário do seu ouvinte/leitor com a narrativa fantástica do sonho da personagem Pedro Firmo sobre uma botija escondida na cidade recifense, no Estado de Pernambuco. Nessa odisseia, a personagem sai em busca do seu suposto tesouro. Como meio para o desenvolvimento do enredo, a escritora atribui a função de narrador personagem, de duas outras histórias: “Eulália e seu pai feiticeiro” e “O romance do pavão misterioso”, à figura híbrida da Cigana Gipsy – meio bruxa, fada, sereia, feiticeira –, sua voz compara-se a de Eulália, cuja palavra é carregada do poder, tanto para salvar quanto para amaldiçoar, assemelhando-se às lendas da velha sábia, à Sherazade e aos contadores de histórias que encantam os ouvintes com suas narrações (Silva; Silva, 2010).

O recorte que ora interessa-nos, neste estudo, centra-se na temática do sonho da personagem Pedro Firmo, tema caro à literatura mundial. Autores como Jorge Luiz Borges em “Histórias dos dois que sonharam”, no livro *História Universal da infância*, e Paulo Coelho, em *O alquimista*, já trataram a respeito do tema. Ao considerarmos que, no imaginário popular, o sonho é comumente relacionado às botijas/tesouros escondidos, é o meio utilizado para sua revelação e os detalhes de sua localização, que seriam revelados, ao ganhador, por uma alma penada, aquele deve seguir as pistas para encontrar o tesouro, exatamente, conforme a revelação onírica. Todavia, na narrativa da personagem Pedro Firmo, a revelação da botija não segue exatamente o trajeto do imaginário popular, pois a personagem apenas sonha recorrentemente com a localização do tesouro. Este detalhe encontra-se no apêndice da obra, em forma de carta, onde Tavares (2009, p. 175) informa ao leitor que as histórias foram narradas, a exemplo de quem “conta um conto aumenta um ponto, aumentei aqui, diminuí ali, modifiquei acolá”.

Nesses termos, consideramos a seguinte questão: é possível uma hermenêutica do sonho da personagem para além da pressuposta pelo imaginário popular, relacionando a mitologia do sonho, seus símbolos e arquétipos à vida subjetiva da personagem? Estamos considerando a relevância dos estudos dos sonhos, desde o século XX, com a obra inaugural de Freud – *A interpretação dos sonhos* –, que potencializou o interesse sobre o tema no campo acadêmico, a exemplo dos estudos junguianos, defendendo que os sonhos trazem revelações para o sonhador sobre seu processo evolutivo. Logo, eles devem ser lidos a partir do contexto de vida daquele que sonha. Do exposto, objetivamos primeiro refletir sobre o simbolismo em torno da botija – tesouro escondido –, e do sonho como elementos culturais; em seguida, a partir da narrativa da personagem Pedro Firmo, na obra *A botija* de Clotilde Tavares, oferecer uma hermenêutica do sonho da personagem.

Para tanto, o recorte realizado ocorreu, primeiro, pelo nosso interesse no simbolismo que envolve elementos fantásticos/mitológicos, culturais, como a botija e o sonho; segundo, pelo mito representado na vida vígil da personagem. Entendemos que os símbolos e arquétipos, enquanto

elementos sincrônicos que estruturam o sonho, com base na Psicologia Analítica (Jung, 2016), permitem uma hermenêutica para além do viés da cultura popular, sendo, portanto, uma base teórica que fundamenta a Semiótica Antropológica (Rodrigues, 2011). Frente a esta abordagem semiótica de estudo do texto, destacamos a possibilidade de aplicação da Psicologia Analítica para a leitura de um sistema simbólico, como o que estrutura o sonho da referida personagem, evidenciando uma relação coerente entre o mundo fantástico/onírico e o mundo sensível. Uma leitura conduzida pelo entendimento do texto literário de Clotilde Tavares como campo híbrido aberto ao experimento humano, cujo potencial possibilita que o leitor amplie sua visão sobre os mundos sensível-inteligível e suas relações. No próximo tópico, apresentamos as contribuições junguianas para uma hermenêutica do sonho em texto literário.

1 A Psicologia Analítica: contribuição antropológica para uma hermenêutica onírica

Na contemporaneidade, por meio de pesquisas acadêmicas e publicações nas mais diversas áreas, verifica-se um interesse crescente pelos estudos dos sonhos. O surgimento de novas ciências, a exemplo da Psicanálise, que inaugurou os estudos dos sonhos a partir das pesquisas freudianas, fomentando o interesse de estudiosos diversos. A Neurociência também tem dedicado atenção ao estudo das questões oníricas. No contexto brasileiro, destacamos os estudos do neurocientista Sidarta Ribeiro, em duas de suas obras: *O oráculo da noite: uma história da mente humana através da ciência dos sonhos*; e *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*, ambas de 2019, onde o professor de neurociência constrói uma teia interdisciplinar sobre a ciência e a história do sono, da memória e, principalmente, do sonho, a partir de informações de distintas áreas do conhecimento: a História; a Antropologia; a Psicanálise e a Literatura, com referências atuais da área da Medicina, da Biologia Molecular e a Neurofisiologia, expondo a importância do mundo onírico para a história humana e sua relevância científica para a construção de memórias.

Outra obra que trata sobre o tema, intitulada *Do Myto ao Logos: Análise Tridimensional dos Sonhos* (Santos, 2020), reúne resultados de pesquisas desenvolvidas com relevante contribuição sobre o tema, em que o autor propõe um método de análise dos sonhos pautado nas teorias freudiana, junguiana e frankliana. Nesta obra, o coordenador do Núcleo Victor Frankl de Logoterapia (UEPB) considera o aspecto tridimensional da figura humana na análise dos sonhos: as dimensões física; psíquica; e noética/espiritual, em que o material onírico é resultante de uma manifestação de um estado de tensão ou de busca por algo que transcende ao sujeito em busca de satisfações de desejos reprimidos (Freud); equilíbrio de estados compensatórios ao encontro do processo de individuação (Jung); e o sentido nas diversas situações da existência, fases da vida (fase final), o sentido último, ou, para além dele, o supra-sentido (Frankl) (Santos, 2020).

Essa projeção do tema pelos estudos acadêmicos contemporâneos, na opinião de Novaes (2001), é resultado do reflexo da mudança paradigmática que está ocorrendo em nossa civilização, em que se destacam movimentos crescentes de valorização do feminino, do aumento da subjetividade, da procura pelas Artes, do surgimento de uma nova Física, das abordagens holísticas e transpessoais. Além de tantos outros fatores que, responsáveis por esse reordenamento na área dos estudos psicológicos, mesmo que de forma um pouco tímida, almejam alcançar lugares de mais destaque no patamar da ciência psíquica.

No cerne desse campo de estudo, esta pesquisa interessa-se pela abordagem dos estudos junguianos centrada nas relações simbólicas do ser humano consigo mesmo e com o mundo. Em seus estudos, Jung considera que o pensamento do humano é simbólico, “o homem utiliza a palavra [...] para expressar o que deseja transmitir: sua linguagem é cheia de símbolos, sinais ou imagens, que não são meramente descritivos” (Jung, 2016, p.18). Por isso, alguns signos têm representações simples como as abreviações (ONU, UNESCO, UNICEF), já outros signos são complexos, são signos/símbolos, como é possível notar em objetos como a cruz que, no campo do cristianismo,

possui uma simbologia. Assim, a palavra e a imagem possuem caráter de símbolo quando implicam significados para além do significado manifesto – imediato.

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas (Jung, 2016, p.18).

Tendo em vista os processos da compreensão humana, Jung (2016) adverte-nos que os símbolos funcionam nos mitos e ritos como representações de ideias e coisas, a exemplo do que ocorre nas religiões, na literatura, nas artes etc. cujas linguagens metafóricas, simbólicas, efetivam-se através das imagens. No mais, vale destacar que a prática consciente desse simbolismo é apenas um aspecto de “um fato psicológico de grande importância”, haja vista a mente humana também produzir símbolos durante os sonhos (Jung, 2016, p. 21), tendo estes como processo regulador natural semelhante aos mecanismos compensatórios da fisiologia do corpo.

Há, na teoria junguiana, três formas de atividades compensatórias de análise do sonho: primeiro, o sonho funciona como mecanismo simbólico que envia mensagens para o ego, buscando uma compensação dos sonhos em relação ao estado consciente, ou seja, complementam o que nele falta; segundo, e o modo mais profundo de compensação, em que o sonho contempla uma autorrepresentação da *psiqué* – distinto da visão freudiana de sonho como descarga de energia psíquica, frente à efetivação de desejos, ou como proteção do sono; e terceiro, em que o núcleo arquetípico do ego constitui a base duradoura do “eu”, porém, podendo ser confundido com “personas ou identidades do ego” (Hall, 2007, p. 32).

Todas estas formas de comunicação entre o consciente e o inconsciente, por meio de imagens oníricas, ou seja, os sonhos como manifestações simbólicas do inconsciente, têm como propósito impulsionar o processo de individuação, ou processo evolutivo do sonhador.

Os sonhos estão continuamente para compensar e complementar [...] a visão vígil que o ego tem da realidade. A interpretação de um sonho permite que se preste um pouco de atenção consciente na direção em que o processo de individuação já está se desenrolando, embora inconscientemente (Hall, 2007, p. 33).

Por isto, o material onírico acrescenta ao sonhador aspectos ignorados por ele. A base dos estudos junguianos é a comparação entre as culturas (modernas e primitivas), estas representadas pelos primeiros povos e seu estado evolutivo (concebido como moderno), em busca de comprovar e compreender a tendência do homem em construir símbolos e a participação dos sonhos em expressá-los e representá-los, por meio de imagens equivalentes as ideias, mitos e ritos primitivos. As imagens oníricas constam nos estudos freudianos como “resíduos arcaicos”. Esta expressão, para Jung (2016, p. 51), fala sobre conteúdos psíquicos sobreviventes³ na mente humana desde “tempos imemoriais”.

A relevância desse campo de estudo ocorre pelo destaque ao processo evolutivo da personalidade humana – fenômeno inconsciente nomeado por Jung de “processo de individuação” –, que se traduz na busca instintiva pela efetivação do ser humano total ou do arquétipo *self*. Os resultados obtidos por Jung são fruto da análise de uma série de sonhos, cujo método utilizado deu-se pela relação simbólica dos sonhos com saberes mitológicos, do folclore, da psicologia dos primitivos e da história comparada das religiões, constatando que:

³ Para a Semiótica Antropológica (Rodrigues, 2011), esses "conteúdos psicológicos" ou elementos simbólicos são considerados genes resistentes ou egoístas (Dawkins, 2007), que se mantêm ativos e significam de tempos em tempos pela atualização da matéria em uso sociocultural. A essa ideia se soma a de arquétipo que iremos apresentar em seguida.

Os chamados grandes sonhos (significativos), nunca esquecidos, são importantes para percepção do processo de individuação, por conterem motivos mitológicos ou arquetípicos. Neles verificamos que a alma é singular e coletiva; ao mesmo tempo, é subjetiva e objetiva. Esses sonhos vêm da camada mais profunda da psiquê e ocorrem nos grandes momentos da vida. O material associativo em torno de suas imagens é escasso. Eles geralmente ocorrem na meia idade. Trazem temas comuns tais como: dragões, heróis, cavernas, animais benfazejos, demônios, velho sábio, homem-animal, tesouro oculto, árvore mágica, a fonte, o jardim protegido por alta muralha, processos de transformação, substância da alquimia etc. (Novaes, 2001, p. 63-64).

Esta percepção encontra respaldo em Jung (2016), que observou que os sonhos tanto podem referenciar fatos individuais da vida (do sonhador), e/ou também fazer relação com os resíduos arcaicos. Esta é a base para o estudioso formular a teoria dos arquétipos⁴ – o mundo do “inconsciente coletivo” –, compreendidos pelo analista como “formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano” (Jung, 2014, p.82). À vista disso, o estudioso da psiquê, alerta para que a compreensão da mente humana se assemelhe ao entendimento do corpo humano – arqueologia museológica dos órgãos com longa história evolutiva –, (pautada no desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente do ser humano primitivo), a este modo devemos esperar o mesmo da mente. Segue, no próximo tópico, uma breve contextualização sobre a botija como artefato cultural e seu simbolismo.

2 O simbolismo em volta da botija – “(tes)ouro” – artefato histórico-cultural

O metal ouro no universo simbólico é representado pelo Sol, em seu aspecto positivo, simboliza o princípio espiritual, a imortalidade, a nobreza, a dignidade e a elevação; quanto ao aspecto negativo, “representa as riquezas terrenas” (idolatria, arrogância, vaidade) (Revista Planeta, 1995, p. 45). Comumente associado ao signo – tesouro – que, segundo o Dicionário Houaiss (2001 - versão online), possui origem latina – *thesaurus* – cujo campo semântico abarca os bens, haveres, teres, provisões de toda sorte, local em que se acumulam os bens materiais e imateriais. Ao tratar sobre esse fascínio que envolve alguns signos, a exemplo do ouro/tesouro, com grande projeção no campo do imaginário popular, Deleuze (2003) discorre sobre o universo das sensibilidades em que o signo se inscreve no prisma do “anti-logos”, instituindo uma disjunção ou uma dislogia.

Dessa maneira, o ouro é símbolo nas mais diversas culturas: na mitologia dos gregos e romanos, a deusa Hera cultivava um jardim de maçãs de ouro; o mito grego do Rei Midas, que desejou que seu toque transformasse tudo em ouro, carrega a representação do arquétipo da ganância, origem da expressão popular “toque de midas”, referindo-se aos que têm a habilidade de prosperar (Nestrovski, 1994). Estas histórias e suas representações arquetípicas, narradas há mais de dois mil anos a.C., estão presentes nos contos de fadas e mitos de inúmeras culturas, construindo uma memória coletiva (Jung, 2014).

No contexto cultural brasileiro, Cipriano (2010) realiza uma pesquisa intitulada *A botija de Rio Formoso e outras histórias*, onde a pesquisadora retoma a importância desse metal precioso desde a história colonial brasileira, passando pela invasão holandesa na então Província de Pernambuco, até as expansões marítimas que conduziram as coroas: portuguesa e espanhola ao Novo Mundo, como testemunhas desse desejo de encontrar os mananciais dos tesouros perdidos e o paraíso

⁴ Conjuntos de “imagens primordiais” originadas de uma repetição progressiva de uma mesma experiência, durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo, mesmo com variações de detalhes permanece a estrutura original (Jung, 2016, p.82). Assim, temos os arquétipos de pai, mãe, herói, do velho sábio etc.

terreal. A estudiosa retoma o mito do tesouro escondido/encantado e evidencia como ele emerge na cidade pernambucana de Rio Formoso, no ano de 1967, quando trabalhadores encontraram um fabuloso pote de moedas, cujas marcas nos florins possibilitaram uma associação à passagem dos holandeses pela região durante o período colonial.

A notícia ganhou projeção nacional a partir de um artigo publicado na Revista Manchete (1977), de autoria do engenheiro e colecionador de moedas, Rubens Borges Bezerra, assegurando a veracidade do tesouro e sua procedência. Cipriano (2010) destaca que o fato atraiu curiosos e colecionadores nacionais e estrangeiros, que investigaram a procedência das referidas moedas, dando projeção ao achado da botija com publicações em livros, revistas e cordéis, isto promoveu uma verdadeira corrida ao ouro. A estudiosa afirma que apesar dos esforços do colecionador, Rubens Borges Bezerra, em comprovar as moedas holandesas, constatou-se que elas não passaram de um chamariz, resultando na retratação do engenheiro.

Todavia, Rubens Borges Bezerra desenvolve uma pesquisa com o objetivo de reunir provas que dessem conta da “verdade” e dos “fatos” sobre o evento do achado da referida botija. O estudo resulta na publicação, no ano de 1980, do livro *Moedas holandesas em Pernambuco*, onde o pesquisador retorna ao passado da invasão holandesa na Província de Pernambuco, em busca de evidenciar o processo de crise vivenciado pela colônia portuguesa entre os séculos XIV-XV (Cipriano, 2010). Com isso, a estudiosa destaca que a pesquisa conferiu um aspecto sério ao achado de Rio Formoso, desviando-se do caminho sobrenatural:

Naturaliza a prática de enterrar tesouros, afirmando que são de ‘longínquas datas’ esses costumes e citando descobertas de tesouros enterrados em várias partes do mundo. Com isso, ele explica a prática também em Pernambuco, situando-a na área de dominação holandesa, no século XVII: ‘a zona canavieira pernambucana, que possuía, no início do domínio holandês, 30 engenhos e 70 pequenas edificações, em diferentes lugarejos, onde se fabricava açúcar, proporcionando o aparecimento das grandes fortunas daquela época’ (Cipriano, 2010, p. 2).

Para Cipriano (2010), o estudo do engenheiro tanto recria o evento da referida botija como fertiliza o imaginário de crenças nos tesouros deixados pelos holandeses, inserindo-se na crença do tesouro perdido. Um campo fértil do imaginário da cultura popular que, por muito tempo, esteve no campo folclorista, entre tensões, conflitos e relações de poder. Neste sentido, também coube a Câmara Cascudo (2010), no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, legitimar a botija como uma herança dos holandeses:

Dinheiro enterrado, o mesmo que botija para o sertão do Nordeste, ouro em moeda, barras de ouro ou de prata, deixados pelo holandês ou escondidos pelos ricos, no milenar e universal costume de evitar o furto ou o ladrão de casa de quem ninguém se livra. Os tesouros dados pelas almas do outro mundo dependem de condições, missas, orações, satisfação de dívidas e obediência a um certo número de regras indispensáveis [...] O tesouro é encontrado unicamente por quem o recebeu em sonho [...]. Se faltar alguma disposição, erro no processo de extrativo, o tesouro transformar-se-á em carvão. Todos os sinais desaparecerão, se o silêncio for interrompido, mesmo que por um grito inopinado ou por uma oração. A primeira moeda encontrada é a que deve ficar no lugar do tesouro (Cascudo, 1998, p. 862 *apud* Cipriano, 2010, p. 03).

Cipriano (2010), ao parafrasear Cascudo (1998), descreve as botijas como objetos curtos, arredondados, com asa e feitos de barro, usados para transportar bebidas da Holanda e da Bélgica para a América Portuguesa. No Brasil colonial, esses objetos ganharam funções diversas, desde instrumentos musicais a recipientes para enterrar fortunas em moedas de ouro, prata, ou guardar

economias, joias, e até objetos diversos como tesouras, talheres, e metais preciosos. Desse modo, enterrar dinheiro tornou-se um hábito comum, já que não havia bancos naquele período, e quando eles surgiram, no século XIX, foram alvo da desconfiança.

Como adverte Chartier (1990, p. 17), “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociopolíticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. Assim, as práticas e representações socioculturais, no entorno da botija, enquanto artefato cultural mitológico, seguem o dinamismo dos tempos, submetidas às tensões e às relações políticas de poder. Nesta perspectiva, no tópico seguinte, trataremos da narrativa da personagem Pedro Firmo e seu sonho seriado, na obra *A botija* de Clotilde Tavares.

3 A narrativa de Pedro Firmo: uma hermenêutica onírica

O sonho e seu estudo, conforme já mencionado neste artigo, embora só tenham entrado efetivamente para o meio acadêmico a partir do século XIX, sempre exerceu fascínio sobre os poetas, pensadores, filósofos, religiosos, visionários, escritores, que já escreviam sobre os sonhos e seu aspecto fantástico. Nas culturas chinesa, grega, indiana e, mesmo na europeia, onde o pensamento racional/lógico desenvolveu-se mais solidamente, as atividades oníricas desempenharam e desempenham grande atração, aproximando o maravilhoso, o espiritual e o divino. Muito do encanto que a vida onírica desperta advém da sua essência mitológica e transcendental do humano (Novaes, 2001).

Em *A botija*, esta essência manifesta-se a partir da narrativa da personagem Pedro Firmo, que sonha, desde a juventude, com a localização de um tesouro na cidade de Recife, em Pernambuco. Retomaremos a descrição do sonho da personagem logo adiante para uma hermenêutica dos seus símbolos e arquétipos. *A priori*, buscaremos identificar o mito presente na história de vida do herói Pedro Firmo, tendo em vista os preceitos junguianos de que a mitologia e seus ritos ofertam à vida humana modelos de conduta, cujos motivos originais encontram-se nos primeiros povos, em um tempo primordial (Jung, 2016).

Pedro Firmo atende a descrição de um homem “moreno”, de pouca conversa, solitário (origem desconhecida) que, aos cinquenta anos de idade, “nunca tinha se casado nem tinha filhos [e que] talvez o fato de não saber da sua origem imprimira em sua personalidade a marca da solidão” (Tavares, 2009, p. 11). Esse ser solitário morava na fazenda Porteira Roxa (cujo nome justifica-se por dois pés de Ipê Roxo, que se entrelaçavam na entrada) – interior de Minas Gerais – aonde chegara ainda criança na companhia dos cambóeiros (transportadores de mercadorias em lombos de animais/burros). Nem estes sabiam da origem de Pedro Firmo.

O próprio nome da personagem – Pedro – tem origem no grego – *Pétros* – palavra derivada de – *petra* – cuja tradução do aramaico é – *Cephas* –, significando literalmente: pedra, rochedo (dicionário online); já o seu segundo nome – Firmo – compõe a 1ª pessoa do verbo firmar (no presente do indicativo), complementando o semantismo do primeiro nome (dureza-rocha-firmeza). Esta composição semântica do nome da personagem ajusta-se à sua personalidade na vida, como resultado da sua história de órfão e retirante, justificando sua descrição como um homem “marcado pela solidão”, que se aperfeiçoara na arte de celeiro – fabricação de utensílios de couro –, e fez do barracão da fazenda sua morada, seu local de trabalho e de armazenamento dos couros utilizados na sua produção, e juntos ocupavam o barracão da fazenda, lugar com características de reaproveitamento da senzala da casa grande, onde coisas sem valor humano acumulam-se sob à poeira.

A condição de alguém que desconhece sua descendência familiar, sua origem, relaciona Pedro Firmo ao arquétipo do órfão, um tema relevante na atualidade e presente na mitologia de diversas culturas, por exemplo, os mitos gregos. Este arquétipo emerge no mito do semideus

Asclépio, numa de suas versões, o herói era filho do divino Apolo com a mortal *Corónis*, da Tessália: morta por Apolo ao desconfiar que ela o traía. Órfão, Asclépio foi criado por seu pai, que lhe deu o dom da cura e os segredos da medicina. O semideus também foi ensinado pelo sábio *Quíron*, tendo grande destaque entre os gregos (Cartwright, 2013).

Em outro mito, o dionisiaco, um dos mais populares da cultura grega, numa de suas versões, Dionísio foi um semideus, filho de Zeus com a mortal Sêmele, também conhecida como Perséfone, que morre ainda grávida sob as astúcias de Hera, esposa de Zeus. Como Zeus havia prometido satisfazer todos os desejos de Sêmele, ele pega o ser que ela estava gestando e o costura em sua coxa. Assim, Dionísio termina de ser gestado em Zeus, tornando-se divino, visto que nasceu de Zeus e, portanto, órfão de mãe. Dionísio ganha grande representação na cultura grega ateniense, desde o deus do vinho, das festas, do desejo, da Arte Trágica (pensamento nietzschiano), tornando-se representação tanto da dor e do sofrimento quanto da expressão da vida primordial (da Silva Santos, 2019).

A mitologia imprime uma representação arquetípica para o mito do herói órfão (presente na história de vida de Pedro Firmo) e, mesmo que a origem seja trágica, o caminho é o de transformação da condição original para superação em busca de um processo evolutivo, ofertando um modelo à conduta humana. A partir desta evidência é que os estudos junguianos, por meio do método comparativo do material onírico entre culturas primeiras e culturas modernas, constataam a atualização de símbolos com presença mitológica em ambas as culturas. Jung (2016) denominou sua conclusão de motivos originais, ou, na linguagem freudiana, “resíduos arcaicos” emergentes nos sonhos como organizadores dos conteúdos inconscientes a favor da compreensão pela consciência.

Feita esta busca pelo mito presente na narrativa da personagem Pedro Firmo, passaremos a descrição do seu sonho, seguida de uma hermenêutica do sentido pertinente à sincronia das imagens e símbolos. Levamos em consideração o contexto de vida da personagem, já que o seu sonho é do tipo repetitivo⁵, para a busca de uma possível representação do seu inconsciente em diálogo com sua consciência, caracterizando-se como o desenvolvimento de um processo evolutivo (Jung, 2016). E como consequência de nossa análise, talvez possamos afirmar que a percepção desse processo seja o verdadeiro tesouro escondido.

Em conformidade com a descrição do sonho da personagem, Pedro Firmo sonha, reiteradamente, desde a juventude a fase de meia idade, com a localização de uma botija na cidade de Recife-PE. No sonho, ele caminha pela cidade de Recife, conhecida apenas de ouvir falar. A cidade apresenta-se cortada por um grande rio e sobre este havia muitas pontes, uma delas feita de ferro. Ele se via caminhando sobre essa ponte que terminava numa rua. Neste momento, avista duas casas, a segunda casa, à sua direita, tinha a faixa identificada como uma tabacaria. Pedro Firmo, intuitivamente, no sonho, sabia a estrutura arquitetônica da casa, por exemplo, após a sala da frente, onde funcionava a tabacaria, havia uma passagem que dava para sala de jantar e para os fundos da casa, nessa passagem, estava escondida sua botija, composta por uma grande quantia de moedas de ouro. No mundo vígil, a personagem segue as dicas em busca do seu “suposto tesouro”. Entretanto, ao encontrar a tabacaria, em dado momento, o proprietário do estabelecimento revela que, também, por muito tempo, sonhou com uma fazenda porteira roxa, nela havia um barracão, construção muito antiga. Na parede dos fundos, havia muitas coisas velhas amontoadas sob a poeira, entre elas, um velho surrão ou bolsa de couro cheia de ouro, uma botija que seria sua (Tavares, 2009).

⁵ O sonho repetitivo é aquele que se repete por um período ou de tempos em tempos, apresentando situações ou lugares já apresentados em outros sonhos e/ou que retratem os mesmos temas, em função da consciência aperceber-se de algo significativo. Por isso, a interpretação da mensagem do sonho repetitivo é de suma importância para a vida do sonhador e seu destino (Jung *apud* Novaes, 2001).

Ora, de acordo com imaginário popular, o tesouro é do sonhador que o recebeu em sonho, só ele pode retirá-lo, ou o tesouro se encanta, some aos olhos estranhos (Casculo, 1998 *apud* Cipriano, 2010). Este pensamento evidencia que o tesouro não seria de Pedro Firmo e as mensagens oníricas não possuíam significado imediato, mas um caráter simbólico. A partir da compreensão junguiana de que os sonhos são formas de intervenção externas à consciência, elencamos os símbolos: *cidade; ponte; rio; ferro; casa (faixada); e ouro*. Destacamos que estes símbolos se apresentam como elementos sincrônicos que emergem no sonho da personagem, possivelmente, funcionando como veículo de mensagens metafóricas entre o inconsciente e seu ego vígil (a consciência). Novaes (2001), pautado em Jung, afirma que o padrão que se apresenta em um sonho ou numa série de sonhos ocorre pela constelação de um ou mais arquétipos que, através dos complexos⁶, predominam nos sonhos na tentativa de que o sonhador visualize seus desequilíbrios, e da necessidade do ego desperto conscientizá-los.

Talvez possamos dizer, pautados na personalidade de Pedro Firmo, homem solitário e desconhecedor suas origens, que esta informação aponta para os conteúdos da psiquê da personagem que necessitam de atenção pela consciência e, associados ao seu contexto de vida, tornam-se um material a ser interpretado pelo próprio sonhador. No tocante à análise dos símbolos, Luiz Terapeuta (2012) instrui que a *cidade* é um símbolo feminino associado ao arquétipo materno, pois ela acolhe, em seu corpo, os habitantes; já as *idades* fortificadas simbolizam as donzelas; enquanto as colônias de filhos simbolizam a mãe; a Babilônia é uma representação de Mãe-Terrível; desse modo, temos a presença da *cidade*, no sonho da personagem, como arquétipo materno; a *ponte* é símbolo de travessia de um estado a outro, transposição de uma fronteira. Logo, a imagem onírica de uma *ponte* pode representar um desejo inconsciente de mudança; podemos inferir, a partir do contexto de vida da personagem, que há um desejo de conhecimento por suas origens; o *rio* é um símbolo que se constitui por sua ambivalência de fertilidade, de morte e de renovação; esta ambivalência pode se relacionar com os fatos da vida de Pedro Firmo: inicialmente, um órfão retirante, de origem desconhecida, que passa cinquenta anos de sua vida em um único lugar. Então, o *rio* como metáfora do tempo que passa, de fertilização da vida e renovação, parece sugerir algo à consciência petrificada da personagem; o *ferro*, além de ser símbolo do deus Marte e da guerra, é portador de um poder curador mágico, em todos os países agrícolas da Europa e, igualmente ao chumbo, é um símbolo das fases alquímicas (nigredo, albedo – prata – o princípio feminino e, numa fase posterior, rubedo, onde surge o ouro), simboliza dureza e obstinação. O processo alquímico deste metal, ao nível nobre, possibilita-nos refletir sobre a ausência dessa alquimia na vida da personagem; a *casa* é símbolo do espaço psíquico, da *psiquê*; a fachada da casa simboliza a persona, a máscara que o indivíduo usa em sociedade; o andar de baixo/corredores estão relacionados ao inconsciente e aos instintos; portanto, o símbolo *casa* parece sugerir a busca pelo processo de individuação da personagem, pela (des)integração dos conteúdos que envolvem sua *psiquê* (Novaes, 2001); e por fim, o *ouro*, seu simbolismo, frequentemente, surgiu na história da humanidade como representação do arquétipo *Self*, a totalidade psíquica, o centro organizador que engloba o consciente e o inconsciente (Jung *apud* Novaes, 2001).

Dessa forma, o símbolo *ouro* não parece refletir um tesouro externo à vida da personagem Pedro Firmo, mas a “joia preciosa do palácio dos tesouros que é a experiência psíquica” (Novaes, 2001, p. 84), que nos conduz a classificar o sonho da personagem como atividade onírica de compensação, pois o próprio sonho fornece o material empírico para exploração do inconsciente pela consciência, criando um sistema compensatório que objetiva o equilíbrio ou alinhamento da

⁶ “Os complexos são conteúdos psíquicos carregados de afetividade, [...] temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes, e que reagem mais rapidamente aos estímulos externos” (Novaes, 2001, p. 19). Portanto, os complexos contêm possibilidades evolutivas que ainda não alcançaram a consciência, como não realizadas, buscam formas de emergir.

vida da personagem solitária (Novaes, 2001). Portanto, o sonho adota uma posição oposta à vida vígil, atendendo à sua função de reestabelecer a balança psicológica (Jung, 2016).

Além disso, no campo da filosofia aristotélica e platônica, o *ouro* representa a Prima matéria, matéria prima ou primeira matéria (no latim, matéria significa *mater* – mãe, com o significado de fonte – origem – um conceito sobre a matéria fundamental do universo, a partir da qual todas as substâncias foram feitas. Assim, poderíamos dizer que o *ouro* surge no sonho de Pedro Firmo como mensagem metafórica da necessidade de a personagem ir em busca da sua origem, entender a imagem do estrangeiro que se faz na própria vida. Como no processo alquímico, a odisseia de encontro ao tesouro, seja a botija ou o tesouro interior – a totalidade do ser – é um processo de transformação e de superação pelo enfrentamento de desafios de um mundo mitológico, ambos exigindo imaginação ativa (Jung, 2016).

Palavras finais

Neste estudo, buscamos refletir sobre temas caros ao campo do imaginário mitológico como os sonhos, que também perpassam o campo da cultura popular a exemplo dos tesouros encantados ou botijas, considerados, até metade do século XX, como temas folcloristas. Por isto, tidos como de menor valor e, por muito tempo, foram mantidos de fora do fazer científico. (Oliveira; Rodrigues, 2020) afirmam que boa parte dos temas que compõe o campo do imaginário tornou-se herdeira desse desvalor, que em muito se justifica pelo semantismo pejorativo que acompanha o substantivo “primitivo”, normalmente, associado às questões que envolvem o mundo inteligível, sensorial, naturalizado nos séculos XVII-XVIII, e passado como herança à ciência e às sociedades modernas. Contudo, a partir do surgimento de ciências como a Antropologia, a Psicanálise e, tantas outras, impõe a responsabilidade da ciência contemporaneidade como papel revelador da importância deste campo de estudo para o fazer científico e a vida humana.

Foi nesses termos que situamos o texto *A botija*, da escritora Clotilde Tavares, uma obra literária contemporânea que possui como característica a exploração das relações e diálogos intertextuais e temas/aspectos regionais da cultura popular, a exemplo dos tesouros encantados/botijas e os sonhos, com forte teor universalista. De modo que objetivamos, *a priori*, refletir sobre o simbolismo em torno da botija – tesouro escondido – e do sonho como elementos da cultura popular. Detivemo-nos a expor a relevância destes temas no âmbito dos estudos culturais, evidenciando o imaginário por trás dos tesouros escondidos e como eles destacaram-se em relação às práticas sociopolíticas, revelando ao longo dos tempos tensões e disputas de poder, por exemplo, no período colonial, quando se projetou narrativas fantásticas em torno da ideia dos tesouros holandeses, evidenciando que as práticas sociais e suas representações culturais atendem a um fluxo contínuo de ressignificações dos objetos culturais, de linguagem/literários conforme os interesses humanos e da sociedade em dado tempo.

Em seguida, a partir da narrativa da personagem Pedro Firmo, da referida obra literária, expusemos, com base na Psicologia Analítica junguiana, uma hermenêutica do sonho da personagem. Para isto, consideramos que a própria obra já possui uma abertura para a análise realizada, visto que as revelações oníricas ao personagem ocorrem por meio de um diálogo entre o seu inconsciente e sua consciência vígil, e não por meio de uma alma penada que surge no sonho para presentear o sonhador com o tesouro. A partir da identificação do mito de origem – o herói órfão – presente na vida da personagem, e da análise dos símbolos e arquétipos, enquanto elementos sincrônicos que estruturam seu sonho, constatamos um sistema simbólico de imagens oníricas, relacionadas ao contexto e aos acontecimentos subjetivos da vida da personagem, evidenciando um processo evolutivo em curso, em que o sonho tem função complementar, ocupando o vazio deixado pelo ego que, dificilmente, domina por completo da realidade consciente, muito menos o inconsciente (Novaes, 2001).

Assim, relacionamos o processo onírico à atividade alquímica desenvolvida durante a Idade Média, reunindo ciência, arte e magia, por diversos povos antigos (árabes, gregos, egípcios, persas, babilônios, mesopotâmicos, chineses etc.), normalmente associada aos conhecimentos da Medicina, Metalurgia, Astrologia, Física e Química. Vimos que muitas civilizações que a praticavam criaram códigos e símbolos alquímicos secretos. O sonho, na linguagem junguiana, segue esta lógica da codificação, do simbólico, exigindo que o sonhador construa o percurso do alquimista ao encontro do tesouro, o caminho evolutivo.

No mais, o universo simbólico do sonho da personagem mostrou-se passível de uma hermenêutica a partir da Psicologia Analítica, evidenciando uma relação coerente entre o mundo fantástico/onírico e o mundo sensível, expondo a Literatura como campo aberto ao experimento humano, bem como o seu potencial em possibilitar a ampliação da visão do leitor sobre mundos sensível/inteligível e suas relações. Dessa forma, intencionamos que este estudo inspire pesquisadores no desenvolvimento de outras pesquisas no campo do imaginário (popular) e suas interfaces com a literatura.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Geografia em ruínas. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (2011). *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 51-70.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. O regionalismo nordestino de 30. ALMEIDA, José Maurício Gomes de (1981). *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981, p. 160-182.

CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. CANDIDO, Antônio. (1989). *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.

CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia histórica das Práticas culturais. CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre Práticas e Representações*. Trad. Maria Emanuela Gualhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CIPRIANO, Maria do Socorro. A botija de Rio Formoso e outras histórias. *CLIO - Revista de Pesquisa Histórica: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco*. V. 28, nº 1, p. 01-24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24237/19659>. Acesso em: 16/06/2022.

CLASTRES, Pierre. O dever da palavra. CLASTRES, Pierre. (2014). *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Trad. Theo Santiago. Ebook – São Paulo: Cosac & Naify, 2014, p. 139-143.

DA SILVA SANTOS, Jefferson. A relação entre o mito de Dionísio e a tragédia grega em Nietzsche. *Revista Argumento: Salvador-Bahia*, n. 14, p. 33-46, fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/argum/article/view/29808>. Acesso em: 07/07/2022.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.138.

Dicionário de símbolos esotéricos: o saber oculto revelado através dos símbolos universais. *Revista Planeta*, ed. 270, São Paulo-SP, 1995, livro e-book. Edição baseada em texto de Luis Pellegrini, Capa: Rogério Borges.

DUFAUR, Luis. O Retábulo de Ouro: portento da arte medieval. In: *Catedrais Medievais*, 2012. Disponível em: <https://catedraismedievais.blogspot.com/2012/09/o-retabulo-de-ouro-portento-da-arte.html>. Acesso em: 04/07/2022.

HALL, James Alonte. *Jung e a interpretação dos sonhos*: manual de teoria e prática. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2007.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 3 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, Brasil, 2016, p. 15-130.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. F. da Silva. 11 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. (Mitológicas v. 1). Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NESTROVSKI, Arthur. A história "o rei midas" nunca envelhece. In: *Folha de São Paulo*: índice geral. São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/12/16/folhinha/3.html>. Acesso em: 05/07/2022.

NOVAES, Adenauer. *Sonhos*: mensagens da Alma. 2 ed. Salvador: Fundação Lar e Harmonia, 2001.

OLIVEIRA, Laécio Fernandes de.; RODRIGUES, Linduarte Pereira. Aula de leitura: da materialidade semiótica do texto à imaginação simbólica. *Revista Caletrosópio*: Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos da Linguagem. Ouro Preto: Minas Gerais, V.1, 2021, p. 254-277. 2021.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. *Vozes do fim dos tempos*: profecias em escrituras midiáticas. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa-PB, 2011.

SANTOS, Gilvan de Melo. *Do myto ao logos*: análise tridimensional dos sonhos. João Pessoa: Ideia, 2020, p. 13-69.

SILVA, Ananília Meire Estevão da; SILVA, Márcia Tavares da. Uma botija e muitos tesouros: o popular em Clotilde Tavares. In: *XIII Congresso Internacional da ABRALIC*, 2013. Anais de evento. Campina Grande: Editora Realize, jul. p. 01-11, 2013. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4172>. Acesso em: 17/06/2022.

TAVARES, Clotilde. *A botija*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LUIZ, Terapeuta. *Psicanálise – dicionário de símbolos – sonhos*. In: Instituto AHAU: terapeutas especializados, 2012. Disponível em: <https://ahau.org/psicanalise-dicionario-de-simbolos-sonhos/>. Acesso em: 17/06/2022.

SANTOS, Aldo. *Amigos da feira e a famosa botija do rio formoso: Sr. Osvaldo garante que comprou parte do tesouro!* Canal Numismática R. Santos. In: YouTube, out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35TTEqcLl0I>. Acesso em: 16/06/2022.

Submetido em 06/06/2023

Aceito em 29/11/2023